

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

VANESKA MARJOS BORGES

**DICOTOMIA PSIQUE E CORPO: barreiras de integração na clínica
analítica**

CURSO DE PSICOLOGIA

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

VANESKA MARJOS BORGES

**DICOTOMIA PSIQUE E CORPO: barreiras de integração na clínica
analítica**

CURSO DE PSICOLOGIA

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Prof^ª. Luísa de Oliveira

São Paulo

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Carlos Alberto de Moraes Borges, meu pai, por me proporcionar essa longa graduação e por sempre apoiar e acreditar em minhas escolhas.

Agradeço a Jacqueline Marjos Simão Dell Agnese, minha mãe, pela força no cuidado de meus filhos, pelas quartas feiras e pelo carinho.

Agradeço ao querido Alcindo Dell Agnese pelo interesse em meu trabalho, pela presença e pelas ricas discussões.

Agradeço a Simone Chadalakian pela escuta das minhas angustias e pelas mensagens cotidianas.

Agradeço muito a Martin Studte, amor da minha vida, por me amar e me aturar nos momentos mais difíceis e pela parceria e amor que crescem a cada dia.

Agradeço aos meus três lindos filhos, Téo, Valentina e Violeta por existirem, por me inspirarem todos os dias, pelos sorrisos e abraços e por me fazerem seguir todos os dias, cheia de amor no coração.

Agradeço a querida Maria Aparecida pela ajuda em casa e pelo cuidado e atenção com toda a família.

Agradeço aos meus queridos amigos irmãos André Campion Nicolosi pelas cervejas e conversas descontraídas e a Talita Pryngler pela amizade verdadeira e pela linda existência em minha vida.

Agradeço muito a minha querida orientadora Luísa de Oliveira pelos abraços, pela paciência e disponibilidade e por acreditar em mim desde o início e me dar forças para concretizar este trabalho.

Agradeço a Rosa Maria Farah pelas grandes publicações que me ajudaram muito na reflexão e no desenvolvimento do tema, pela presença inspiradora e por aceitar ler o meu trabalho, o que me deixa lisonjeada.

Muito obrigada a todos de coração.

RESUMO

Nesta pesquisa pretende-se identificar as barreiras que psicoterapeutas junguianos encontram no enfrentamento da dicotomia psique-corpo em sua prática clínica. Procurar-se-á por meio de uma revisão histórica e literária do fenômeno dicotômico, de uma compreensão da psicologia analítica, que propõe uma visão holística do ser humano, e da contemporaneidade, iluminar as possíveis dificuldades encontradas na prática psicoterápica em trabalhar psique e corpo como totalidade dentro do *setting* clínico, propiciando dessa forma um espaço de reflexão sobre um tema que no cotidiano pode estar sombreado. Assim, pretende-se expandir o olhar sobre a dimensão corporal presente na clínica, o uso da terapia corporal e as possíveis barreiras que podem impedir uma maior integração do todo na prática.

Palavras-Chave: Psicoterapia Analítica, integração psicofísica, corpo, prática clínica.

ABSTRACT

This research aims to identify the barriers that Jungian psychotherapists face in the psyche-body dichotomy during their clinical practice. A retrospective review of the dichotomy phenomenon through history and literature, the understanding of the analytical psychology - which implies a holistic view of the human being - and contemporaneity have been hereby presented in order to enlighten the possible difficulties encountered in the practice of psychotherapy when working psyche and body as a whole within the clinical setting. This study then provides a reflection on a topic that may not be perceived in everyday life and intends to expand the view on the corporal dimension in the clinical context and the use of corporal therapy and the possible barriers that may inhibit their further integration in practice.

Keywords: Analytical psychology, psychophysical integration, body, clinical practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
Objetivo e Método.....	16
CAPÍTULO 1 – DICOTOMIA PSIQUE.....	18
1.1 Corpo histórico do ocidente.....	18
1.2 O desenvolvimento da psicologia como ciência e o resgate do corpo.....	20
CAPÍTULO 2 – PSICOLOGIA ANALÍTICA E CORPO.....	25
CAPÍTULO 3 – SELF CORPORAL E O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA.....	30
CAPÍTULO 4 – IMAGEM CORPORAL NA IDENTIDADE DO EU.....	33
CAPÍTULO 5 – MOVIMENTOS CONTEMPORÂNEOS E TÉCNICAS INTEGRATIVAS.....	37
CAPÍTULO 6 - DISCUSSÃO.....	40
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, o modelo biomédico passou a ser predominante na área do pensamento e do conhecimento científico, diferenciando-se do modelo romântico, empírico e não generalista. Assim, o foco na interação entre diversos fatores que faziam parte de uma totalidade integrativa foram substituídos por pesquisas experimentais, que fragmentaram o ser humano em diversas partes e se distanciaram da visão holística de uma totalidade, separando assim, a matéria da psique.

Segundo Ramos (1994), “a ênfase sobre os sistemas corporais como um todo foi substituída pela tendência a reduzir os sistemas em partes menores, de modo que cada sistema era considerado separadamente” (p.32).

Atualmente, ainda percebemos que essa dualidade encontra-se presente em nós e na sociedade. Segundo a mesma autora,:

[...] inconscientes perpetuamos uma visão em que as descrições detalhadas e minuciosas vindas das dissecações ou de estudos fisiológicos prevalecem sobre a percepção dos sentimentos das sensações subjetivas e simbólicas do corpo. Podemos avaliar essa discrepância entre corpo descrito e corpo vivido como um dos elementos centrais da dificuldade de elaborarmos uma linguagem comum entre a medicina e a psicologia. Há tantos anos dissociados sofrem preconceitos mútuos que só resultam em atrasos para ambas. Até mesmo a psicossomática, filha mais jovem desse casamento-sofre da mesma neurose, na medida em que tenta reduzir as patologias a uma casuística psicológica, replicando o método reducionista e biomédico. (RAMOS, 2006, p.14)

Dessa forma, fica evidente a grande dificuldade ainda encontrada nos dias de hoje de um diálogo entre Psicologia e Medicina, ambas fragmentadas na divisão do humano. Mesmo com o desenvolvimento da Psicanálise e da Psicossomática (frutos da união entre aquelas duas grandes áreas de conhecimento), podemos perceber que a visão dualista prevalece, sendo muito difícil unir diferentes conhecimentos e pensá-los como parte de uma totalidade maior e integrada.

A questão mente e corpo também se mostra presente na obra de Carl Gustav Jung (1875 – 1961), que, com formação em Medicina, não pode deixar de incluir na proposta analítica os aspectos somáticos e corporais.

Segundo Jung,:

[...] sem nos envergonharmos das insuficiências do nosso diletantismo histórico vamos ter que enfrentar mais um pouco a escola dos filósofos – médicos daquele passado longínquo, do tempo em que corpo e a alma ainda não tinham sido retalhados em diversas faculdades. Apesar de sermos especialistas, por excelência, nossa especialidade, curiosamente, nos compele ao universalismo, a profunda superação da especialização, para que a integração de corpo e alma não seja apenas conversa fiada. (JUNG, 1981, §190, p.97)

Pensando na dicotomia psique e corpo e na prática da psicoterapia clínica, a abordagem analítica nos dá um grande apoio para olharmos o ser humano em sua totalidade. Com isso, podemos pensar em como trabalhar na clínica essa integração e quais as barreiras encontradas pelos profissionais da área em olhar para o corpo como expressão simbólica, além do simbolismo verbal.

Jung também menciona que:

[...] a distinção entre mente e corpo é uma distinção artificial, um ato de discriminação baseado muito mais na peculiaridade da cognição intelectual do que na natureza das coisas. De fato é tão íntimo o Inter-relacionamento dos traços psíquicos e corporais que podemos não somente estabelecer inferências sobre a constituição da psique a partir da constituição do corpo, como também podemos inferir características corporais a partir das peculiaridades psíquicas. (JUNG, 1971, p. 916, Apud RAMOS, 2004, p.36)

A psicologia profunda busca esse diálogo através dos simbolismos encontrados nos sonhos, mitos, expressões corporais e verbais, arte e rituais. Tais manifestações servem como pontes para a interpretação do terapeuta, consideradas como conteúdos simbólicos sendo expressos de formas distintas.

Pensando na prática da psicoterapia clínica na contemporaneidade e nas marcas históricas e filosóficas que se refletem na cultura ocidental e nos próprios psicoterapeutas, acreditamos que compreender as possíveis barreiras que os psicoterapeutas encontram no trabalho com seus pacientes, pode ser de uma importância não só teórica como prática. Poderemos avaliar se e como buscam a integração olhando para as manifestações e expressões simbólicas do inconsciente, sem esquecer o olhar para o corpo como forma de expressão, linguagem e símbolo de um ser total.

Segundo a analista junguiana McNeely:

[...] até recentemente, os analistas davam pouca atenção a somatização dos complexos, a menos que o paciente manifestasse alguma aflição física acentuada. A maior parte do trabalho analítico concentrou-se na interpretação dos sonhos e na imaginação ativa. Este preconceito ou falta de atenção às manifestações corporais da psique pode ser compreendido a luz do desenvolvimento filosófico ocidental, embora implícito no pensamento de Platão (427-347 A.C) o dualismo mente e corpo, foi Descartes (1596-1650) quem provocou uma cisão radical entre “matéria pensante” e ”matéria expandida”. Esta cisão afetou a maneira pela qual as gerações posteriores vieram a encarar o ser humano. (MCNEELLY, 1987, p.15)

A Partir da observação de McNeely podemos pensar em como estamos imersos nessa dualidade e o quanto podemos trabalhar com uma teoria que propõe integração em um momento em que a cultura carrega em sua historia a desintegração, de modo que o olhar para as dificuldades que surgem na prática, podem ser de uma riqueza absoluta para a compreensão do outro e de si mesmo.

A mesma autora ainda acrescenta que,:

Conicionados durante gerações a pensar em termos que separam mente e corpo, temos dificuldade para entender como os complexos se manifestam somaticamente. Tal dificuldade impede os psicoterapeutas de adotarem medidas que se concentrem em manifestações físicas do inconsciente. Tenho conversado com analistas que praticam a somatoterapia: a maioria deles acha difícil compatibilizar análise com trabalho corporal no tratamento de uma pessoa. Vários analistas disseram que utilizam a terapia corporal com certos pacientes e a análise com outros, poucos, porém, harmonizam os dois métodos no mesmo tratamento. Considerando que estudei somatoterapia antes de receber tratamento em análise, é vital para mim, integrar o conhecimento que tenho do corpo com o meu estilo analítico; entretanto quando tento fazer isso, percebo certas resistências em mim que acredito, espelham a resistência da cultura a emergência de atitudes novas em relação ao corpo. . (MCNEELY, 1987, p.16)

Sabendo que as resistências dos próprios terapeutas são produtos culturais e estão de certa forma enraizados na coletividade, a escolha profissional destes em trabalhar com uma abordagem que tem uma visão mais integrativa nos chama a atenção para um movimento que caminha juntamente com a emergência de novas atitudes em relação a visão de homem.

Pensamos que o olhar para possíveis dificuldades pode propiciar ao terapeuta um olhar interno que abra novos caminhos para trabalhar a dicotomia psique e corpo no

cotidiano, além de buscar recursos que possibilitem um trabalho mais abrangente na percepção da corporeidade e do corpo simbólico presentes no encontro analítico.

Segundo Mauteuer (1982) “o terapeuta corporal surge como reação à eliminação do corpo do *setting* terapêutico e, ainda, como reação a caracterização do relato verbal como porta única da expressividade do homem.” (p.75)

A busca do símbolo verbal, juntamente com os sinais corporais pode enriquecer a análise e abrir um ponto de reflexão em relação à psicoterapia clínica e o quanto esta, através de resistências, pode perder conteúdos importantíssimos para a compreensão do ser verbal e corporal, sem que esta dicotomia prevaleça na prática de uma teoria que propõe integração.

Ao pensarmos através dos conceitos junguianos, que tanto os pacientes como os psicoterapeutas compartilham a consciência coletiva, mundo histórico, social e cultural e que a compreensão do ser humano se dá a luz da sociedade onde vive e de sua história e que a consciência individual pode ser vista como arbitrária a consciência coletiva, segundo a autora Zimmermann ao se referir à psique coletiva esta diz:

Diferenciar-nos dela significou um longo caminho para o homem. O desenvolvimento da consciência individual se deu a partir da diferenciação da psique coletiva que abrange tanto uma consciência coletiva como um inconsciente coletivo. A psique coletiva, relacionada aos arquétipos e aos instintos se mantém em sua intensa dinâmica como pano de fundo em todos os nossos movimentos, enquanto a consciência se relaciona com o processo da civilização e da cultura. (ZIMMERMANN, 2013, p.1)

Dessa forma se torna muito relevante, antes de refletirmos sobre a dimensão corporal na clínica analítica, entendermos a contemporaneidade e a consciência corporal atual, levando em consideração o homem como consciente/inconsciente individual e coletivo.

Acredito na importância de uma reflexão acerca da cultura moderna antes de abordarmos a questão da dicotomia no trabalho clínico para que nosso olhar possa se abrir para além do sujeito individual entendendo o contexto que vive sua cultura e o coletivo que este se insere para que a reflexão possa lançar-se para um futuro mais esclarecedor.

Segundo Jung:

O problema psíquico do homem moderno é uma dessas questões indefinidas, exatamente por sua modernidade. Moderno é o homem que surgiu há pouco, e um problema moderno é uma questão que surgiu, mas cuja resposta ainda esta no futuro. Por isso o problema psíquico do homem moderno é, na melhor das hipóteses, uma interrogação, que talvez se apresentasse de modo bem diferente, se tivéssemos ligeira ideia da resposta que o futuro trará (JUNG, 1993, § 148, p.84)

Bauman 2009, 2005, 1998, contextualiza a sociedade contemporânea chamando-a de modernidade líquida, ao pensar no caráter mutável e inconstante com que a sociedade carrega seus valores, hábitos e tradições, incluindo os relacionamentos interpessoais.

Segundo Bauman (2009) ao pensar na sociedade: “As condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (p.7)

Dessa forma ao pensarmos na sociedade pós-industrial, em que o consumo está cada vez mais massificado, a ideia de desenvolvimento ligada à acumulação de bens que, conseqüentemente produz uma ideia de corpo e de pessoa, que podem atribuir simbolicamente ao corpo uma ideia de matéria que se possui, é que começamos a pensar com que pensamento nossa sociedade se desenvolve.

As inúmeras possibilidades atuais de intervir no corpo sejam por dietas, ginásticas, cirurgias plásticas, estética entre outras, são de certa forma muitas vezes desacompanhadas de um olhar que pensa na subjetividade presente nesses indivíduos e nas conseqüências sociais dessas intervenções.

Segundo Araiza & Gisbert:

[...] o recente desenvolvimento de inumeráveis tecnologias biomédicas nos oferece a possibilidade de transformar o corpo ate o impensável. É o caso das cirurgias cosméticas, dos transplantes de órgãos, das tecnologias transexuais, da psicofarmacologia, da manipulação genética, entre muitas outras. Estas tecnologias acentuam a ideia de “ multiple choise”, liberdade de possibilidades de mudar não apenas nossa imagem, mas também nossas formas de vida, nosso projeto de quem somos. (ARAIZA&GISBERT, 2007, p.111)

O corpo como constituição do ser e como natureza passa a ser compreendido como matéria e suporte da mente, que através de ideais de corpo e beleza colocados pela cultura devem se adaptar, como se determinada imagem fosse um padrão do que é

natural, engessando as diversidades e não contribuindo para um auto-conhecimento psíquico e corporal da população.

Dessa forma ao pensarmos no corpo novamente como construção simbólica e não realidade dada, é que podemos refletir de um modo fenomenológico que nada pode ser somente em si, mas com o mundo e com outros, de forma que o símbolo e o arquétipo estão atravessados no ser.

Ao refletirmos sobre as relações interpessoais e a fragilidade dos valores morais e coletivos, a fragilidade da autoridade e da tradição, a velocidade com que as pessoas vivem diariamente faz com que elas percam o controle sobre o mundo e busquem de certa forma uma segurança perante a vida, segundo o antropólogo David Le Breton (2009) e do filósofo Ortega (2008), o sujeito contemporâneo busca através do privado o que não encontra mais no social.

Segundo Breton (2009) “É de fato a perda do corpo do mundo que leva o ator a se preocupar com seu corpo para dar corpo à existência” (p.54) O autor ainda ressalta que a modificação do corpo acompanha uma ideia mais segura da identidade perante o mundo e a sociedade, de modo que através de sua imagem é que o sujeito é determinado e assim pode trabalhar suas inseguranças.

Segundo Zimmermann:

O rápido aumento da população mundial, os avanços tecnológicos, a busca de conforto após os sofrimentos das duas grandes guerras mundiais tiveram uma reação, num primeiro momento, um voltar-se para o mundo exterior e para as conquistas que ele representava, e ainda representa, para uma grande maioria da humanidade. Porém o homem que despertou para a necessidade do cumprimento profundo e pessoal de um sentido em sua vida tornou-se estranho á massa que vive presa aos laços conservadores e do bem estar material (ZIMMERMANN, 2013, p.3)

Essa citação nos mostra que a não identificação com o coletivo faz com que os seres humanos fiquem sem um todo para se apoiar e viver juntamente com os outros, compartilhando ideais conjuntos, de modo que o voltar-se para si torna-se fundamental para não desaparecer.

Capra também reflete em seus escritos em relação à sociedade dizendo que:

O paradigma que esta agora retrocedendo dominou a nossa cultura por varias centenas de anos, durante as quais modelou nossa moderna sociedade ocidental e influenciou significativamente o restante do

mundo. Esse paradigma consiste em várias idéias e valores entrincheirados, entre os quais a visão do universo como um sistema mecânico composto de blocos de construção elementares, a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva a existência, a crença no progresso material ilimitado, a ser obtido por intermédio de crescimento econômico e tecnológico, e por fim, mas não menos importante- a crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda a parte, classificada como inferior ao homem é uma sociedade que segue a lei básica da natureza (CAPRA 1996, p 25)

Podemos perceber nesse movimento, que a valorização do interno passa a ser valorização do externo, valorização da aparência e do corpo para dar existência ao ser, de modo que o corpo passa a ser objeto interno de investimento, como possibilidade de atingir o eu ideal.

Ortega (2008) discursa sobre o sujeito moderno, referindo-se a ele como indivíduo somático, e chama de bioidentidade a construção da identidade a partir da imagem corporal.

Outro autor que faz uma riquíssima análise a respeito desse fenômeno moderno e contemporâneo é o psicanalista Jurandir Freire Costa (2004), que ao tratar da sociedade como uma sociedade do espetáculo, fala do deslocamento da subjetividade, que se constitui passando da alma para o corpo. Discute a partir da teoria psicanalítica, o quanto a imagem do corpo modela a identidade do ego para atender as demandas interpessoais do sujeito, de modo que a imagem do corpo ideal e completo é usada para produzir o interesse no outro, segundo o autor:

[...] somos, em grande medida, aquilo que imaginamos causar no outro, e gozamos, em grande medida, com o usufruto dessa condição. Nosso desejo é o de fazer o outro nos desejar, a nossa satisfação consiste em alcançar, na realidade ou na imaginação, o que antecipamos de forma imaginária (COSTA, 2004, p.79)

Dessa forma podemos observar o valor que a imagem corporal tem como forma de atingir a felicidade e a posição no mundo social e o quanto o investimento atual da sociedade no corpo, tem interferências e consequências nas relações e vínculos vivenciados.

Costa (2004) acrescenta que:

O cuidado de si. Centrado na forma corpórea e no gozo das sensações, vem desgastando a importância emocional do outro

humano. Todavia, continuamos a precisar do reconhecimento do outro para estarmos seguros do valor de nossos ideais de eu. Chegamos então a um beco sem saída: menosprezamos o outro próximo, em seu papel de avalista do que somos, e idealizamos o outro anônimo, cuja preocupação conosco é igual à zero (COSTA, 2004, p.197)

A antropóloga Sibila (2008) descreve esse movimento cultural com um olhar histórico e dialético a respeito dos meios de comunicação e de expressão de diversas épocas, nos modos de produzir seres no mundo e com o mundo, e o quanto estas formas acabam por produzirem mundo em uma relação interacional, propondo um conceito de homem pós-orgânico, homem este, cujo corpo biológico esta submetido ao controle de sua natureza, controle que caminha conjuntamente com o desenvolvimento biotecnológico. A autora afirma que a subjetividade introdirigida dá espaço a alterdirigida, de modo que é preciso ser visto para existir, o "eu" se transforma em personagem, passando a necessitar de uma aceitação social.

Rosa Maria Farah também desenvolve uma importantíssima contribuição a respeito da influência da tecnologia sobre a corporeidade contemporânea.

Segundo Farah:

Nosso ingresso na era da comunicação tornou ainda mais urgente e necessária a elucidação das correlações corpo-psique, especialmente quanto as formas com que a corporalidade humana já vem sendo vivida e experimentada pelas vias da informatização. (FARAH, 2011, p.1)

A autora também discute os avanços tecnológicos e biomédicos e as inúmeras possibilidades de manipulação corporal e o quanto a imagem corporal sofre interferências de acordo com essas expansões dos limites humanos:

Os recursos da moderna biotecnologia propiciam inúmeras possibilidades de manipulação dos nossos corpos, seja para fins curativos, seja visando a sua reformatação estética e seu rejuvenescimento, ou ainda toda uma gama de expansões dos limites biológicos da vida humana (FARAH, 2011, p.1)

Pensando nessa influencia coletiva e cultural, Couto (1998) também discursa a respeito das influencias tecnológicas na formação do ser humano contemporâneo e a aceleração desses processos na atualidade:

Concebido muito mais no limite da cultura que da natureza, o corpo vive sua ininterrupta mutação. Isso quer dizer que ele vem sendo há muito tempo, entregue a uma espécie de destino camaleônico que é acelerado no culto contemporâneo, no qual a mixagem homem-maquina aponta novos rumos para a existência humana. (COUTO, 1998, p.11)

A partir dessa visão do movimento cultural contemporâneo é possível pensarmos nas influências e nas transformações psíquicas que ocorrem. O que anteriormente se mostrava um distanciamento da totalidade separando psique e corpo, de modo a colocar o corpo como instrumento da alma, agora se pode perceber uma mudança nessa visão, na qual psique passa a ser instrumento do corpo. O cuidado e o foco na imagem corporal também distancia o ser humano de uma integridade e nos convida a refletir sobre essa nova dimensão corporal que está presente em nossa realidade e no coletivo presente na sociedade, no indivíduo e no psicoterapeuta que vivenciam o encontro analítico.

Através de uma revisão histórica sobre o fenômeno dicotômico e das contribuições da psicologia analítica sobre a compreensão do desenvolvimento da psique e do corpo como partes indissociáveis da mesma totalidade é que poderemos refletir acerca do ser humano contemporâneo e da dimensão corporal presente na clínica através de uma visão simbólica. Para a presente pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico, histórico e literário sobre a relação psique-corpo em psicologia analítica, de modo que, através dessa perspectiva seja possível pensar de um modo holístico a integração psique e corpo dentro da prática clínica contemporânea e do encontro analítico.

Este trabalho foi organizado através da seguinte estrutura:

O objetivo e o método, que mostram o percurso do presente trabalho e de que forma foi pensado e desenvolvido.

O primeiro capítulo é Dicotomia Psique-corpo, introduz o tema da dicotomia para que possamos compreender o fenômeno e através dos tópicos Corpo Histórico do ocidente e O desenvolvimento da psicologia como ciência e o resgate do corpo é que poderemos ter um parâmetro histórico e entender a grande relação que a psicologia tem com o resgate de um pensamento holístico.

O Segundo capítulo é a Psicologia Analítica e Corpo, este capítulo vai discutir a teoria de Carl Gustav Jung e seu pensamento holístico em relação a psique e corpo como indissociáveis, base para refletirmos a dimensão corporal na clínica junguiana.

O Terceiro capítulo é Self corporal e desenvolvimento da consciência vai discutir o desenvolvimento do ego e da consciência e o quanto o corpo esta intrinsecamente relacionado com o processo, ao pensarmos que antes de desenvolvermos nossa consciência somos corpo e sensação.

O quarto capítulo é Imagem Corporal na identidade do eu e vai abordar a imagem corporal e o quanto esta imagem está associada as vivências corporais primárias e ao funcionamento equilibrado da totalidade psique –copo.

O quinto capítulo é Movimentos contemporâneos e técnicas integrativas que vai discutir os movimentos integrativos contemporâneos e a importância de se pensar no desenvolvimento cultural e em novas possibilidades de trabalhar com as questões dicotômicas emergentes.

A discussão vai abordar a reflexão de tudo que foi discutido nos capítulos anteriores.

A conclusão deste trabalho aborda a relevância de uma reflexão sobre as possíveis barreiras integrativas na abordagem da dimensão corporal na clínica analítica e as possibilidades de expandir o olhar sobre a prática.

Objetivo e Método

Este trabalho tem como objetivo compreender as possíveis barreiras enfrentadas na prática clínica ao trabalhar corpo e psique de forma integrada e as relações entre a teoria analítica e a compreensão do corpo, levando em conta o contexto histórico ocidental e a cultura contemporânea.

Acredita-se também que, através desta compreensão, os próprios psicoterapeutas poderão refletir sobre a proposta de trabalho e sobre o próprio corpo em sua relação consigo mesmo. Espera-se, assim, que se abra a possibilidade interna de trabalhar conteúdos que podem estar sombreados e que através de reflexões podem vir à luz, viabilizando uma maior integração na prática com seus pacientes.

Desde meu ingresso na faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, no curso de Psicologia, tive muito interesse pela psicossomática e pela psicologia analítica. Sempre me chamou atenção a separação das escolas que estudam o ser humano muitas vezes fragmentando psique e corpo sem nenhuma articulação e união entre as teorias. Essas curiosidades e questionamentos me levaram a estudar Massoterapia e Terapia Corporal Holística, paralelamente com a psicologia, na qual me deparei muitas vezes com a questão da dicotomia psique e corpo na prática clínica.

Através da paixão pela psicologia analítica e pela compreensão da teoria junguiana como uma teoria que vê o ser humano como totalidade, na qual mente e corpo são indissociáveis e da experiência pessoal da maternidade e de três partos humanizados em que pude sentir que corpo e psique estão de fato em sintonia mútua, me perguntei como podem os psicoterapeutas junguianos trabalharem na clínica, muitas vezes sem técnicas de expressão corporal, e como os psicoterapeutas clínicos vivenciam a questão da corporeidade dentro de suas práticas, pensando no ser humano como pessoal e coletivo e no encontro analítico como uma forma de troca entre dois sistemas psíquicos.

Pensando na formação acadêmica em Psicologia e nas demandas contemporâneas presentes nas diversas áreas de atuação do psicólogo, acredito na importância de uma compreensão aprofundada da vivência corporal e de suas implicações na estrutura subjetiva do homem atual.

A importância da superação da dicotomia psique corpo na sociedade atual pode nos trazer benefícios na área da saúde e uma maior articulação entre a experiência

subjetiva e objetiva do corpo, possibilitando uma reintegração criativa de escolas de conhecimentos que unidas podem abrir horizontes para a compreensão de doenças físicas e mentais e possibilitar um maior autoconhecimento e o resgate desse corpo esquecido dentro da racionalidade contemporânea.

O referencial teórico utilizado para a realização dessa pesquisa é o do autor Carl Gustav Jung e sua visão holística do ser humano, aprofundada principalmente nas obras e nos contemporâneos que refletem sobre a questão corpo e mente, de modo que podemos entender o que a abordagem analítica propõe e como trabalha a dimensão corporal na psicoterapia, as quais serão utilizadas na pesquisa. A abordagem analítica nos fornece subsídios teóricos para entender a psique e corpo como totalidade e dentro dessa visão pensar na prática clínica e em suas possíveis barreiras integrativas.

Em diversas citações de Jung, podemos perceber o quanto ele dava importância à essa visão holística. Um exemplo disso é visto quando o autor discute situações patológicas, dizendo que:

[...] um funcionamento inadequado da psique pode causar tremendos prejuízos ao corpo, da mesma forma que, inversamente, um sofrimento corporal pode afetar a psique; pois a psique e o corpo não estão separados, mas são animados por uma mesma vida. Assim sendo é rara a doença do corpo, ainda que não seja de origem psíquica, que não tenha implicações na alma (JUNG, 1953, §194, p.105)

CAPÍTULO 1 – DICOTOMIA PSIQUE

1.1 Corpo histórico do ocidente

Nos tempos da Grécia antiga, os asclepiádes tinham como filosofia de cura, uma abordagem que levava em conta a metanóia, além de medicamentos ou qualquer arte terapêutica, a transformação dos sentimentos era essencial para o caminho da cura das doenças, de modo que a cura pela mente era chamada de Nooterapia.

Asclépio, filho de Apolo e da mortal Côronis, um deus e herói que se fixou em Epidauro, onde seu pai já exercia a arte da cura, desenvolveu uma escola de medicina na qual os métodos como, massagens, banhos e interpretação de sonhos eram considerados mágicos por serem de uma ordem, na qual a cura não podia ser capturada pela razão objetiva e a subjetividade e o mistério pairavam.

Segundo Brandão (1987) “os sacerdotes de Asclépio partiam do princípio que a harmonia e a ordem divina exercem influência decisiva sobre a saúde psíquica e corporal. Era, portanto o equilíbrio biopsíquico o fator básico, o medicamento de uma cura irreversível” (p.92)

O templo de Epidauro, dedicado ao culto de Asclépio, sobreviveu durante 11 séculos, exercitando práticas terapêuticas que tinham como fundamento o princípio de que o corpo e a alma, não estão separados no processo de cura.

Se pensarmos na evolução da medicina, que durante séculos manteve sua arte de cuidar e curar associada à religião, filosofia, recursos naturais e a transformação de sentimentos, com o desenvolvimento do pensamento, nos trabalhos de Hipócrates, Aristóteles e Galeno, podemos perceber o começo da “Cientificação” do corpo e da medicina, apesar de Hipócrates, pai da medicina moderna, levar em conta aspectos energéticos e corporais, como uma força hábil e natural do corpo, responsável pelo curar-se.

O conhecimento sistematizado levou o homem a uma ideia fragmentada de si mesmo, separando psique e corpo, vendo e vivenciando o corpo em seu aspecto objetivo e a experiência subjetiva em plano secundário.

Esse conceito dualista é reforçado na filosofia Cartesiana, na qual Descartes, por acreditar que psique e corpo eram substancialmente distintos, os separa, salientando que ambos podem ser independentes um do outro, de modo que o corpo passa a ser visto como algo submisso a alma.

A dissociação entre psique e corpo aparece desde longa data no mundo ocidental e atinge seu ápice na idade média, quando o corpo se torna um símbolo do mal e do que deve ser de certa forma, controlado e reprimido, enquanto a alma deveria lutar com este corpo para atingir o bem.

Briganti (1987) menciona um escrito de S. Tomás que diz que “O fim próximo do corpo humano é a alma racional e as operações desta” e ainda saliente o papel da religião nesta dicotomia. “sob a luz da moral católica apostólica romana, o corpo tem sua rendição e valoração apenas e somente através da morte, e é considerado sublime apenas aquilo que não tem forma e corporeidade, o corpo é visto unicamente como instrumento.” (p.15)

O corpo no Judaísmo e catolicismo passa a ter uma função indireta, de modo que ao nascer, mente-corpo separam-se e reúnem-se no pós-morte. O corpo ressuscitado, glorificado e iluminado, é o corpo que na morte se reúne ao espírito e se integra.

As repressões dos sinais corporais e dos instintos naturais acompanham o desenvolvimento científico e racional do homem ocidental e a experiência de contato psique- corpo passa a não ser mais vista como algo que faz parte do presente, do aqui e agora, mas sim como algo místico e misterioso.

William Blake em “A voz do demônio” faz algumas críticas a essa separação ao dizer que:

Todas as bíblias, ou códigos sagrados, têm sido as causas dos seguintes erros:

1. Que o homem possui dois princípios gerais de existência: um corpo e uma alma.
2. Que a energia, denominada mal, provém apenas do corpo; e que a Razão, denominada bem, provém apenas da alma.
3. Que deus atormentará o homem pela eternidade por seguir suas energias.
4. Mas os seguintes contrários são verdadeiros:
5. O homem não tem um Corpo distinto de sua alma, pois o que se denomina corpo é somente uma parcela da Alma, discernida pelos cinco sentidos, os principais acessos da alma neste estágio.
6. A energia é a única vida, e deriva do Corpo; e Razão o limite, ou circunferência externa, da energia.

7. A energia é deleite eterno.” (BLAKE, 1987 p.19)

Dessa forma, o homem ocidental acaba perdendo seu centro no universo e com o desenvolvimento científico, a astrologia e o mistério da natureza, começam a ser desconsiderados e a ciência se desenvolve em prol do progresso, desenvolvimento e controle do homem sobre o mundo.

Assim, a tradição do pensamento ocidental inaugura uma ciência que não vê o corpo como parte de uma totalidade, mas sim como superfície e base, com funções e estruturas próprias e passíveis de serem estudadas fora de um contexto integral.

Segundo Bosco:

Na história da concepção ocidental sobre a relação entre mente e matéria, até mesmo Descartes chega à conclusão lógica de que a separação entre corpo e mente não poderia ser total, dado que havia alguns estados confusos em que era difícil determinar o que era do reino da realidade mental (pensamento, vontade, virtude) e o que era do reino dos corpos (respostas, fisiológicas, atos reflexivos). Ter fome, por exemplo, era algo que estava conectado a vontade, mas também as necessidades fisiológicas. Assim deveria haver algum ponto concreto em que corpo e mente se tocavam. Para o filósofo, este ponto de contato deveria estar na glândula pineal. Esta afirmação originou o conceito central de paralelismo psicofísico. (BOSCO 2011 p.51)

1.2 O desenvolvimento da psicologia como ciência e o resgate do corpo.

Através do conceito de paralelismo psicofísico é que se fundamentam os primeiros estudos científicos do behaviorismo e é o que dá sustentação ao positivismo lógico e a psicologia moderna.

Novamente cito Bosco, ao salientar essa relação:

A forma como o corpo é visto historicamente no campo da psicologia mantém íntima ligação com essa tradição. A psicologia científica basear-se-á, em grande parte, na idéia de causas biológicas subjacentes aos fenômenos e mais tarde na metáfora do corpo-computador, na medida em que considera que um estímulo é processado pelo organismo, para a obtenção de uma resposta, de maneira linear. Neste tipo de arrazoado, o organismo apesar de estar presente como suposição, adquire uma transparência: pouco se sabe de seu funcionamento em ação, mas muito se infere a partir do estímulo e da resposta. O corpo/organismo como um sistema

integrado desaparece, prevalecendo o determinismo das relações causais diretas entre estímulo e resposta. (BOSCO, 2011 p.51)

É a partir dessa dicotomia e do pensamento racional extremo que o pensar ocidental passa a olhar para o ser integral e criar novos movimentos de reflexão em uma tentativa de interromper e repensar essa cisão e resgatar a história como fonte de grande conhecimento.

Segundo Leloup:

Paradoxalmente, a pós-moderna visão holística da realidade encontra-se, também, na base da tradição grego-judaico-cristã, Do lado grego os pré-socráticos, videntes de *logos*, de forma transdisciplinar abordavam o conceito de *physis*, que abrange a totalidade de tudo o que é [...] apaixonados pela busca da essência, falam-nos de uma contemplação da Unidade, respaldada na comunhão da ciência com a arte, a filosofia e a mística (LELOUP 1996 p.7)

Alguns pensadores como Schopenhauer, Leibniz e Nietzsche, e etc. Já demonstravam em seus escritos a negação dessa dualidade, e da redução da matéria corporal em espiritual.

Nietzsche em seu livro, Assim falava Zaratustra, que rendeu uma grande reflexão posterior do autor Carl Gustav Jung, reflete sobre a separação entre corpo e alma mostrando claramente sua visão em relação a impossibilidade de dicotomizar tais instâncias, de modo que, escreve:

Aos desprezadores do corpo desejo falar. Eles não devem aprender e ensinar diferentemente, mas apenas dizer adeus a seu próprio corpo- e, assim, emudecer. Corpo sou eu e alma- assim fala a criança. E porque não se deveria falar como as crianças? Mas o desperto, o sabedor, diz: corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de espírito, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão. Eu, dizes, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não queres crer- é teu corpo e sua grande razão: Essa não diz eu.” (NIETZSCHE, 2011, p.34-35)

Além da filosofia, a psiquiatria e a psicanálise tem um papel fundamental no olhar dos sintomas corporais em correlação com a psique, ao levarmos em consideração

o contexto histórico e científico em que Freud propõe uma visão de corpo que leva em consideração a relação íntegra entre psique-corpo abrindo espaço para uma nova perspectiva em uma época, no final do século XIX, em que se vivenciava o auge da concepção dualista do paralelismo psicofísico.

Ao desenvolver a psicanálise e tratar da histeria, esta, começa a ver nos indivíduos a relação entre psique e sintoma e a ligação destes com o corpo onde não se encontram mais paralelismos psicofísicos e sim deslocamentos de sentidos.

Segundo Bosco,

O sujeito racionalista e reflexivo é substituído pelo que podemos chamar de sujeito hermenêutico, ou seja, aquele que se produz através de uma determinada relação entre corpo e a linguagem. A tradição psicanalítica daria conta do corpo a partir da significação da palavra, sendo o corpo o local de uma libido identificada como energia sexual”. (BOSCO, 2011, p.52)

A psicanálise surge em um momento em que a psiquiatria não estava mais dando conta de responder questões que afirmassem e medissem de forma prática os fenômenos mentais, o corpo nesse contexto, acaba sendo suspenso, juntamente com o desenvolvimento das teorias psicológicas.

A psicologia Analítica e a Psicanálise originaram saberes que foram essenciais na transição do séc. XIX para o séc. XX em relação à compreensão psique-corpo, juntamente com outras vertentes e pensadores colaboraram para que o modelo determinista e científico da modernidade fosse repensado de modo que, nos dias de hoje, podemos entender a importância e a atualidade dessas práticas na compreensão dos seres humanos.

Como apontado acima, muitos outros grandes pensadores juntamente com Freud e Jung, como Sandor Ferenczi, Alfred Adler, Georg Groddeck e Wilhelm Reich, contribuíram para esse novo pensamento entre psique e corpo, de forma a estudarem essa relação de modo integral dando origem a somatoterapia e a diversos caminhos possíveis de se trabalhar essa reintegração atualmente.

No trabalho o foco é a teoria de Carl Gustav Jung e citarei a psicanálise primeiramente, pois a teoria Analítica se desenvolve paralelamente com a mesma e se consolida quando a Jung propõe uma nova perspectiva que se distancia da teoria inicial proposta por Freud.

Freud aproxima o conceito de corpo, ao pensá-lo como local de uma sexualidade e ao criar o conceito de energia sexual, que através da repressão podia gerar sintomas físicos, demonstrando que seu olhar resgatava psique-corpo como parte de um mesmo funcionamento, inter-relacionado e indissociável.

Jung se diferencia de Freud em relação ao conceito de energia sexual vendo essa energia não apenas como libido sexual reprimido, mas sim como uma energia psíquica que se movimenta de acordo com as diversas trocas do ser com o mundo em suas experiências.

Jung diferentemente de Freud, não compreendia a atividade de formação de símbolos, relacionando-a diretamente com os conflitos pessoais, mas sim como uma mediação e busca de equilíbrio entre opostos.

Para Jung, A psique é um sistema de autoregulação, psíquica precisa de constante regulação e isso acontece através das instâncias psíquicas que são formadas pelo Self, arquétipo central, que coordena todas as representações psíquicas através das experiências de vida.

O Self e todos os arquétipos se expressam simbolicamente e o símbolo é visto como uma manifestação humana, também expressa no corpo em que portamos como espécie.

Segundo Jung:

Sempre deparo de novo com o mal-entendido de que os arquétipos são determinados quanto ao seu conteúdo, ou melhor, são uma espécie de “ideias” inconscientes. Por isso devemos ressaltar mais uma vez que os arquétipos são determinados apenas quanto á forma e não quanto ao conteúdo, e, no primeiro caso, de modo muito limitado. Uma imagem primordial só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo no caso de tornar-se consciente, e, portanto preenchida com o material consciente (JUNG, 1976,§155, p.86)

Esse modo de preencher de que Jung fala nos faz pensar no quanto a experiência não ocorre apenas no plano simbólico e psíquico, mas sim na incorporação desse símbolo no ser como um todo.

Segundo Bosco:

O fato de o arquétipo ser estruturante para a experiência humana nos chama a atenção para outro fato: esta experiência é sem, duvida, uma experiência incorporada, que depende da percepção orgânica da espécie. Humanos podem ter milhares de maneiras de perceber o

mundo, todas elas humanas, dependentes de um aparelho perceptivo que respeita uma estrutura mais ou menos básica, arquetípica: Partilhamos de um sistema nervoso, de uma organização postural ereta, temos polegares opositores, desenvolvemos linguagem e cultura, porque assim nos permite nossa conformação filogenética. Nosso próprio corpo teria então uma conformação arquetípica da espécie, já que nos é impossível perceber o mundo através de outra estrutura filogenética que não a nossa. Desta maneira, a separação tradicional entre psique e corpo parece-nos um tanto quanto artificial, e a polarização da psicologia numa relação somente com um conceito de psique e símbolo desencarnados, leva-nos a uma prática científica incompleta, da mesma maneira que é incompleta a prática médica que não leva em conta o corpo como aparato simbólico. (BOSCO, 2011, p.53)

CAPÍTULO 2 – PSICOLOGIA ANALÍTICA E CORPO

Podemos perceber claramente na obra de Carl Gustav Jung referências ao corpo e a psique como indissociáveis, ambos acontecendo unificadamente, de forma que o seu embasamento teórico se apoia na ideia de uma integridade entre ambas as instâncias.

Alusões ao corpo e as relações entre processos psicofísicos não são difíceis de se encontrar na obra de Jung, podemos perceber no trabalho de Farah (1995) que pesquisou intensamente nas obras de Jung as diversas citações em relação a integrada relação psicofísica as diversas fases em que Jung desenvolve tais conceitos:

[...] em alguns momentos porém, Jung foi cauteloso em suas afirmações a respeito da complexidade das interações corpo-mente. Chegou a atribuir um caráter “misterioso” a essa interação, como fez, por exemplo, ao responder uma serie proferida Tavistock. Em resposta a uma da plateia sobre tais interações (FARAH, 2011, p.8)

Segundo Jung:

[...] corpo e psique são dois aspectos do ser vivo, e isso é tudo o que sabemos. Assim prefiro afirmar que os dois elementos agem simultaneamente, de forma milagrosa, e é melhor deixarmos as coisas assim, pois não podemos imaginá-las juntas”. (JUNG, 1989, §70, p.29-30)

Apesar dessas declarações Farah acrescenta que:

No entanto, observando o contexto dessas cinco conferências, supomos que sua intenção naquele momento tenha sido evitar a discussão a respeito das conexões psicofísicas nos termos propostos por aquela plateia, ou seja, no termos “dualistas” de relações de “causa e efeito”. Isto porque, conforme fica claro na sequencia, sua concepção a respeito desse tema já havia avançado além desse ponto, na medida em que incluía o conceito de sintonicidade como regente de tais conexões (FARAH, 2011, p.8)

Bem no começo de sua carreira Carl Gustav Jung, buscou compreender a relação entre psique e fisiologia, mostrando através do teste de associação de palavras e da utilização do galvanômetro às mudanças no comportamento elétrico da pele de acordo com certas respostas, que ativavam determinados complexos, provando dessa forma, que os complexos estavam associados a mudanças fisiológicas, de modo que quando ativados psiquicamente, o corpo reagia juntamente.

Segundo Mindell, ao se referir á Jung afirma que:

Pesquisadores atuais de biofeedback atribuem a ele a descoberta do que chamam de “Linguagem da pele”. Embora o trabalho de Jung não seja valorizado por sua pesquisa física, ele levantou a hipótese de que existiria uma toxina química por trás da esquizofrenia, teorizou sobre a relação mente e corpo, interpretou sonhos em um conceito fisiológico e estudou o significado da ioga Kundalini (MINDELL, 1989, p.16)

Jung destaca ao abordar o conceito de complexos, que os eventos psíquicos e físicos acontecem de forma simultânea, demonstrando através do teste de associação de palavras a dimensão psicofísica dos complexos, segundo o autor:

O complexo, por ser dotado de tensão ou energia própria, tem uma tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade. Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade de fisiologia própria, podendo perturbar o coração, o estomago, a pele. (JUNG, 1989, §149,p.66)

De certa forma, estas manifestações somáticas do complexo psicológico fazem dele uma entidade pertencente à unidade psique-corpo e Jung defende isso através de experimentos que podem ser claramente comprovados.

Pensando nos complexos psicofísicos como constituintes do ser humano e fonte de emoções, Jung em sua abordagem, aborda-os de modo que estes são sempre vinculados ao arquétipo, núcleo fundamental do complexo, o que possibilita uma ligação entre as vivências individuais e coletivas de modo que para compreendermos a cultura contemporânea do corpo é muito importante olharmos para essa dimensão que a teoria Junguiana nos fornece para refletir acerca da realidade atual.

Ao falarmos de complexos penso ser indispensável um parágrafo em que Jung discursa sobre o tema:

Provavelmente os senhores já observaram que, ao me fazerem perguntas difíceis, não consigo respondê-las imediatamente porque o assunto é importante, e o meu tempo de reação, muito longo. Começo a gaguejar e a memória não fornece o material desejado. Tais distúrbios são devidos a complexos- mesmo que o assunto tratado não se refira a um complexo meu... Trata-se simplesmente de um assunto importante, tudo o que é acentuadamente sentido torna-se difícil de ser abordado, porque esses conteúdos encontram-se, de uma forma ou de outra, ligados com reações fisiológicas, com processos cardíacos, com o tônus dos vasos sanguíneos, a condição dos intestinos, a inervação da pele, a respiração. Quando houver um tônus alto, será como se o complexo particular tivesse um corpo próprio e até certo ponto localizado em meu corpo, o que tornará incontrolável por estar arraigado, acabando por irritar meus nervos. Aquilo que é dotado de pouco tônus e pouco valor emocional pode facilmente ser posto de lado porque não tem raízes. Não é aderente (JUNG,1989, p.66§148)

Além de olharmos para o conceito de complexo e arquétipo, a partir do desenvolvimento da psicologia analítica, o conceito que talvez seja o mais importante para demonstrar a essência material e psíquica do ser é o conceito de sincronicidade. Ao falar desse conceito, que define a relação significativa entre dois ou mais eventos não causais, é que Jung desenvolve uma importante reflexão para abarcar tais fenômenos, desenvolvendo talvez a sua maior base para explicar a relação mente e corpo.

Segundo Jung (1984):

Como a psique e a matéria estão encerrados em um só e mesmo mundo, e, além disso, se acham permanentemente em contato entre si, e em última análise, se assentam em fatores transcendentais e irrepresentáveis, há, não só a possibilidade, mas até mesmo a probabilidade de que a matéria e a psique sejam dois aspectos diferentes de uma só e mesma coisa. Os fenômenos da sincronicidade ao que me parecem apontam nessa direção [...] Nossos conhecimentos atuais porém, não nos permitem senão comparar a relação entre mundo psíquico e o mundo material a dois cones, cujos vértices se tocam e não se tocam em um ponto em extensão, verdadeiro ponto zero (JUNG 1984, §418, p.165)

Farah, em 1995 publicou um artigo na primeira edição da revista Hermes em que ilustrou especificamente diversas citações de Jung em suas obras que demonstram a reflexão acerca da dimensão corporal, a autora fala que a obra de Jung pode muitas vezes surpreender o leitor disposto a pesquisar suas menções entre a relação psique corpo.

Perguntado sobre a relação corpo-mente Jung responde que:

Tudo o que se pode observar empiricamente é que processos do corpo e processos mentais desenrolam-se simultaneamente e de maneira totalmente misteriosa para nós. É por causa da nossa cabeça lamentável que não podemos conceder corpo e psique como sendo uma única coisa” (JUNG 1989, §69, p.29)

E mais adiante ressalta:

“Corpo e psique são dois aspectos do ser vivo, e isso é tudo o que sabemos. Assim prefiro afirmar que os dois elementos agem simultaneamente, de forma milagrosa, e é melhor deixarmos as coisas assim, pois não podemos imaginá-las juntas. Para meu próprio uso cunhei um termo que ilustra essa existência simultânea; penso que existe um princípio particular de sincronicidade ativa no mundo, fazendo com que fatos de certa maneira aconteçam juntos como se fosse um só apesar de não captarmos essa integração (JUNG 1989 p,§70, p.30)

Jung relata em diversos momentos de sua obra a relação íntegra do ser humano com o corpo, convidando o psicólogo que trabalha nessa abordagem a desenvolver esse olhar, Jung (1984) acrescenta:

Como a psique e a matéria estão encerrados em um só e mesmo mundo, e, além disso, se acham permanentemente em contato entre si, e em última análise, se assentam em fatores transcendentais e irrepresentáveis, há, não só a possibilidade, mas até mesmo a probabilidade de que a matéria e a psique sejam dois aspectos diferentes de uma só e mesma coisa [...] Nossos conhecimentos atuais porém, não nos permitem senão comparar a relação entre mundo psíquico e o mundo material a dois cones, cujos vértices se tocam e não se tocam em um ponto em extensão, verdadeiro ponto zero (JUNG 1984, §418, p.165)

Podemos constatar que o autor propunha em 1930-1940 uma visão holística do ser humano que começa a ser tematizada novamente nos anos 90 e que marca um movimento do paradigma cartesiano ao paradigma holístico e uma necessidade de um olhar para a demanda da sociedade contemporânea, acompanhando o surgimento e desenvolvimento da psicossomática, filha da união entre a medicina e a psicologia.

Muitos escritos de Jung e suas menções sobre a relação psique e corpo podem ser compreendidos contemporaneamente de uma forma muito mais íntegra, segundo Farah:

Ainda que vivêssemos em tempos talvez menos complexos, Jung se antecipou colocando muitas setas indicativas do caminho a ser percorrido pelos pesquisadores futuros, na busca da mais ampla compreensão do sentido da vida humana. Porém só mais recentemente começamos a apreender com maior clareza alguns aspectos especialmente avançados da sua contribuição para compreensão das interações corpo-psique. Talvez porque só agora tenhamos reunido (em nossa própria psique) as condições necessárias a compreensão do real alcance de suas observações sobre tais processos (FARAH, 2011, p.7)

Segundo Farah, ao final da vida, Jung era mais enfático ao discursar sobre esse tema e em uma entrevista concedida em 1959 ao jornalista Georges Duplain (in McGuire e Hull,(1982) sobre as mudanças e adaptações necessárias para a entrada dos seres humanos no terceiro milênio, no momento em que o entrevistador solicitou que Jung fizesse algumas recomendações para que essa passagem não fosse tão difícil, ele disse claramente quatro recomendações: 1. Uma maior abertura em relação ao inconsciente; 2. Uma maior atenção aos sonhos; 3. Um gosto mais ativo pelo autoconhecimento, e o quarto item foi recomendado literalmente da seguinte forma, “um sentido mais agudo da totalidade do físico e do psíquico, de sua indissolubilidade” (JUNG, in MCGUIRE e HULL, 1982, p.364)

Dessa forma podemos pensar um pouco mais diretamente a respeito das passagens que comprovam que Jung pensava dessa forma e em que podemos olhar para os fundamentos da psicologia analítica de modo a considerar claramente corpo e psique como partes indissociáveis de uma mesma totalidade.

CAPÍTULO 3 – SELF CORPORAL E O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Jung também demonstra em sua teoria essa ideia holística da totalidade psique corpo, a partir da compreensão da psique como manifestações de pensamentos, comportamentos e sentimentos, tanto da consciência como do inconsciente, de modo que ao pensar que a personalidade se dá através da psique, sustenta a ideia de que psique e corpo são totalidades e não partes diferenciadas, psique do ser como individual e coletiva.

Podemos compreender nosso corpo como a primeira forma de comunicação significativa com o mundo de modo que a partir dessa sensação o ego vai se formando e a consciência de ser e estar no mundo nasce.

Jung, ao defender o conceito de consciência como sendo “a consciência, sobretudo, produto da percepção e orientação no mundo externo, que provavelmente se localiza no cérebro e sua origem seria ectodérmica. No tempo de nossos ancestrais essa mesma consciência derivaria de um relacionamento sensorial da pele com o mundo exterior” (JUNG, 1989, §14, p.5) nos faz pensar novamente no quanto a consciência e o corpo não podem se separar.

A partir dessa experiência de contato com o mundo, quando somos bebês, esse contato se dá de forma completamente corporal através das sensações, de modo que o ego vai surgindo como mediador da consciência tendo o dever de organizar os símbolos e conteúdos vindos do inconsciente, possibilitando a noção de estar no mundo, da temporalidade e espaço.

Segundo Silveira, “Jung define o ego como um complexo de elementos numerosos formando uma unidade coesa para transmitir impressão de continuidade e de identidade consigo mesmo” (Silveira, 1981 p.63)

Neumann (1991) também escreve sobre o desenvolvimento do ego que se inicia a partir das primeiras experiências corporais entre a mãe e o bebê, desenvolvendo no ser humano as primeiras noções de ser no mundo.

O autor ressalta que inicialmente antes de haver essa dissociação entre o eu e o mundo, vivenciamos uma realidade única, no qual a psique é regida pelo self da mãe e

pelo self corpóreo de modo que o self da mãe tem uma função mediadora e de conexão entre o self corpóreo do bebê e o mundo, e o self corpóreo do bebê tem uma função de equilíbrio, de regulação da totalidade do organismo.

Segundo Neumann:

Por um lado existe o self corporal da criança, determinado pela espécie e emergente, em simultaneidade, com a totalidade corporal individual, por outro lado, a mãe na relação primal, não apenas desempenha o papel de self da criança, mas é, na realidade este self. Mas o self corporal tem também o caráter de uma totalidade e não deveria ser tomado como uma entidade meramente fisiológica, porque disposição corporal, e disposição psíquica, constelação hereditária e individualidade já se encontram presentes na unidade biopsíquica do self corporal. (NEUMANN, 1991, P 13)

Dessa forma ao pensarmos no self corpóreo para além de uma manifestação fisiológica, mas sim como sensibilidade capaz de assimilar estímulos de origem interna e externa e positivos e negativos, de modo que a partir da vivência do corpo é que a consciência vai emergir criando-se um self individual e uma consciência pessoal, é que podemos pensar no corpo como transcendência e como símbolo, segundo Gimenes:

O corpo passa a ser, simbolicamente, um arquivo no qual esta impressa a história do Ser humano, numa riqueza de registros de sensações e emoções que foram significativas e ficam gravadas corporalmente, dizendo de alguma forma quem ele é. Tal vivencia em muitas situações parece intervir na vida posterior do individuo, pois este se relaciona em grande parte com o mundo de acordo com o que experimentou e sentiu. (GIMENES, 2002, p.80)

Ramos (2011) também aponta para uma possível falha no funcionamento da relação mãe-bebê, na qual ela discursa sobre a perda da conexão do individuo com seu corpo, com seu self corpóreo, de modo que a vivencia fantástica e abstrata fica desconectada do orgânico, comprometendo o desenvolvimento da consciência e sua comunicação com o todo, segundo Ramos:

Sabemos que os bebês reagem corporalmente ao medo ou a sensação de abandono. As estruturas psíquicas são construídas primeiramente nas reações psicofisiológicas. Podemos supor que, quando um adulto reage com um sintoma a uma sensação de abandono, ele estaria revivendo um padrão infantil de comportamento, como uma criança, a qual por não ter uma linguagem verbal, responde psicossomaticamente à dor. (RAMOS, 2011, p.58)

Dessa forma ao pensarmos no self corporal e nas experiências que vivemos como seres corpóreos, é que podemos pensar no quanto essas experiências existenciais fazem parte do todo nos constituindo de modo que nosso corpo e nossa psique estão em constante comunicação e não dissociação.

Ao pensarmos no nosso corpo como a morada do ser, quanto melhor nos sentirmos na nossa própria casa, melhor poderemos ter consciência da nossa existência no aqui e agora.

Ao refletirmos sobre o adulto ocidental e nos recursos empíricos que estamos imersos, o corpo passa a não ser o nosso mais próximo contato, mas sim um instrumento para alcançar objetos esquecendo muitas vezes de sua memória e de sua presença cotidiana como algo que vive juntamente com a nossa mente.

A criança ainda vive o corpo de forma global, de modo que segundo Neumann (1980), a criança em seu primeiro ano existe quase que exclusivamente como corpo.

Assim ao pensarmos no self corpóreo novamente, e que a partir dele o eu como centro da consciência se forma lentamente, até essa “formação” muitas experiências serão vivenciadas por esse corpo, armazenadas e impressas, de modo que podem emergir posteriormente como símbolos, estados corporais, imagens e emoções.

Os sintomas corporais como disse Ramos (2011), podem nos dizer muito sobre essa fase não verbal, fazendo com que muitas vezes o corpo seja o único meio simbólico de acesso a tais conteúdos.

Farah (2008) que escreve em diversos momentos sobre a imagem corporal nos faz ter uma ideia desse desenvolvimento primário e na conexão com a posterior imagem corporal desenvolvida pelo ego e a consciência, segundo Farah:

É, portanto a partir dessa fase- vivenciada pela criança essencialmente nos próprios termos do self corporal- que podemos localizar não apenas os primeiros estágios de desenvolvimento da consciência, ou seja, a construção básica daquele dinamismo a se constituir futuramente como a própria imagem corporal (FARAH, 2008, p.68)

CAPÍTULO 4 – IMAGEM CORPORAL NA IDENTIDADE DO EU

Ao pensarmos no desenvolvimento da consciência e do ego e na imagem corporal que criamos durante nosso desenvolvimento psíquico é que podemos discursar sobre a compreensão do conceito de imagem corporal que segundo Schilder (1974), é a figura do nosso corpo formada na nossa mente, de modo que podemos pensar na imagem corporal como a forma que o corpo se apresenta para nós.

Segundo Schilder (1974), podemos chamar a imagem corporal de tridimensional, o esquema de corpo tridimensional que todos têm de si mesmos, de acordo com o autor, a nossa personalidade é um sistema de ações e tendências para a ação, de modo que temos que esperar emoções fortes referentes ao nosso próprio corpo.

O autor ressalta que todas as ações que são dependentes de uma condição e um conhecimento corporal específico serão prejudicadas, incompletas e imperfeitas se o conhecimento corporal assim o for, de modo que para muitos movimentos corporais que expressam emoções é muito importante uma conexão íntegra e vivencial da imagem e do autoconhecimento corporal.

Lowen, psicoterapeuta de formação reichiana, em seu livro “O corpo traído” nos transmite a ideia sobre a relação da identidade e da imagem corporal através da noção de que o eu vem da capacidade do ser humano estabelecer um contato com o seu próprio corpo:

Para saber quem ele é o indivíduo precisa ter consciência daquilo que sente. Deve conhecer a expressão do seu rosto, a sua postura e a forma de movimentar-se. Sem esta consciência de sensação e atitudes corporais a pessoa torna-se dividida: um espírito desencarnado e um corpo sem alma. (LOWEN, 1979, p.21)

Ao pensarmos na importância das relações primárias, no desenvolvimento da consciência que também desenvolverá a imagem corporal e na cultura contemporânea é que podemos pensar na importância de um trabalho clínico que englobe diversos meios de vivências e expressões capazes de abarcar as diferentes faces da auto regulação e da comunicação com o todo através dos símbolos.

Refletindo através da teoria junguiana em relação ao movimento contemporâneo da psique para o corpo, podemos pensar na formação do eu e em sua

identidade apoiando-nos em conceitos que nos dão grande base para refletirmos acerca da formação da personalidade.

Segundo Rauter:

Na terminologia junguiana, a incerteza da relação com um mundo de vínculos frágeis e valores inconstantes faz com que haja um forte investimento na persona, que tem justamente a função de interface com os objetos. É como se investir na persona fosse aumentar as possibilidades de pertencimento e laços. Ao mesmo tempo, a fragilidade das relações cria uma demanda de autopreservação afetiva, que a persona está fortemente baseada em critérios, corporais e estéticos, que a proposito mudam muito rapidamente (RAUTER, 2011, p.6).

Dessa forma ao pensarmos na persona como uma “camada” psíquica entre o ego e o mundo, podemos pensar no grande paradoxo que é a exaltação da imagem, colocando de certa forma a natureza corporal a sombra.

Breton (2011), diz que: “a necessidade de lançar mão destes desvios para proteger o objeto, ou a conduta, mostra bem que o corpo permanece impregnado de sentido e de valores, lugar simbólico que a publicidade tenta expurgar” (p.208)

Assim o que vemos é um corpo com sua natureza á sombra, de modo que este não pode se manifestar visto que a marca cultural de identidade esta nele.

Ao pensarmos que persona e sombra são pares opostos da psique humana, se existe uma padronização de corpo e um grande investimento na persona. Existe também um esquecimento do que não é padronizável e é individual que se transforma em sombra.

Desse modo é muito importante que o trabalho clínico a partir dessa visão integra possa trabalhar a dimensão corporal resgatando a consciência corporal do individuo em sua historia de modo a possibilitar o caminho da individuação.

Ao olharmos para a emergência de integrar o material e o espiritual é que podemos pensar na individuação e no processo terapêutico como possibilidade do ser humano se tornar realmente um individuo, ou seja, o não dividido.

Segundo Jung, (1987) A individuação é um tornar-se um consigo mesmo e ao mesmo tempo com o coletivo, a humanidade que também fazemos parte.

Em sua síntese sobre a obra de Jung, Nise da Silveira também fala do processo de individuação como destino, o que cada um está destinado a ser no mundo:

Todo ser tende a realizar o que existe nele em germe, a crescer, a completar-se, Assim é para a semente do vegetal e para o embrião do animal. Assim é para o homem quanto ao corpo enquanto a psique. Mas no homem, embora o desenvolvimento de suas potencialidades seja impulsionado por forças instintivas inconscientes, adquire caráter peculiar: o homem, é capaz de tomar consciência desse desenvolvimento e influenciá-lo. Precisamente no confronto do inconsciente pelo consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro. (SILVEIRA, 1971, p.35)

Ao entendermos o corpo como manifestação do self e a intrínseca influência que mente e corpo exercem entre si, é que Pereira discursa sobre a importância de um olhar nessa direção e o quanto a história a respeito pode nos dizer.

O corpo manifesta a psique com seus aspectos fundamentais: anima, animus, instintos, sombra, persona, arquétipos, etc. Ele conta a nossa história sem disfarces, também produzindo aquilo que não amamos e manifestando coisas que não queremos. (BARBOSA, 1997, p.77)

Ao pensarmos como a valorização da percepção do próprio corpo pode promover a saúde psíquica, desde sensações até estímulos corporais sutis, para propiciar uma integração de conteúdos, principalmente no caso de indivíduos somáticos, para que estes possam compreender a patologia e dar um sentido a mesma.

Desse modo ao pensarmos nos indivíduos que vivem na contemporaneidade e o quanto são comuns diversas doenças de fundo emocional podemos refletir segundo Gimenes que:

[...] o indivíduo não é identificado apenas pela doença, mas como um ser que pertence a uma determinada sociedade e cultura, que possui características físicas e psíquicas que lhe são próprias e que ao apresentar alguma disfunção em algum dos aspectos acima mencionados, atinge paralelamente nos outros. Tal fenômeno acontece pelo fato de existir uma inter-relação dinâmica entre todos os aspectos que fazem parte do humano, e o resultado dessa comunicação faz com que o ser se torna um universo único e diferenciado, o que impossibilita ou dificulta analisá-lo de maneira parcial, apenas pela manifestação do sintoma ou da doença, sem que haja a conexão com as demais esferas. (GIMENES, 2002, p.79)

Assim, ao pensarmos no corpo como mensageiro da realidade interna e na sociedade em que os indivíduos vivem, é muito importante a contribuição do terapeuta

no que diz respeito a reconexão de um self corpóreo, ampliando as possibilidades do sujeito lidar com seus complexos e trabalhar o símbolo em diversas esferas:

Identificamos e reconhecemos a importância do nosso corpo, mas encontramos dificuldades de expressar sua vivência em linguagem verbal, porque ele se utiliza de uma linguagem própria. Estamos falando de uma comunicação corporal, que é a linguagem do nosso corpo como um eficiente e temos que aprender a ouvi-lo. Para que possamos usufruir desse recurso. (BARBOSA, 1997, p.77)

Dessa forma ao refletirmos sobre o coletivo e a importância do reconhecimento e da vivência das próprias emoções no corpo, podemos perceber que no cotidiano, o conhecimento científico e racional do corpo não corresponde de fato a corporeidade vivida pelas pessoas.

Antes de desenvolver as teorias e o controle sobre o corpo o homem vivência o mesmo e é a partir dessa vivência que a imagem corporal é criada.

Segundo Zimmermann que faz um trabalho de integração através dos movimentos expressivos da dança:

Pessoas com a imagem corporal comprometida costumavam apresentar uma fragilidade do eu, parecendo estar separadas de uma função interior reguladora que lhes permitiria a percepção global de si mesmas. Via de regra, a problemática dessas pessoas se apresentava em uma crise de identidade, com sentimentos de inferioridade associados a sensações de insuficiência orgânica. Ao propor meus exercícios de movimentação, o objetivo era o de possibilitar o bem-estar com o próprio corpo, assim como o equilíbrio de tensões e uma experiência corporal integrativa (ZIMMERMANN, 2011, p.156)

CAPÍTULO 5 – MOVIMENTOS CONTEMPORÂNEOS E TÉCNICAS INTEGRATIVAS

Podemos perceber atualmente e nas últimas décadas que muitos autores escrevem e desenvolvem técnicas de expressões corporais que podem ser integradas com o trabalho psicoterápico.

Dychtwald (1984) que aborda as relações entre corpo e psique como indissociáveis diz que o “corpomente” é produto das experiências emocionais, psicossomáticas e psicológicas ao longo da vida, pois o modo como agimos e sentimos o mundo, afeta nossos corpos moldando-os e estruturando-os.

Feldenkrais (1978) através de seu trabalho com a conscientização do movimento e das manipulações não verbais diz que é a partir destas que podemos trabalhar com nossa imagem corporal, mudando assim muitas formas de agir, pois ao mobilizarmos motivações mobilizamos partes do corpo correlacionadas às mesmas.

Montagu (1988) desenvolve a ideia proposta por Jung sobre a origem ectodérmica dos complexos e afirma que desenvolvemos nossa consciência corporal através da pele ressaltando que “a estimulação tátil parece ser uma experiência necessária ao desenvolvimento comportamental saudável do indivíduo” (p.254).

A analista junguiana McNelly que inaugurou a “somatoterapia” que é uma terapia que considera o simbolismo corporal como parte da psicoterapia, promove a descoberta de conteúdos de complexos percebidos no corpo como símbolo, favorecendo o desenvolvimento de potencialidades não desenvolvidas e a integração à consciência.

Almeida ao mencionar o trabalho de MCneely discursa sobre sua própria experiência clínica:

Contatamos a veracidade de tal fato quando, ao tocarmos determinada parte do corpo de um paciente, que tem uma tonalidade afetiva para ele, este se lembra de um sonho importante para seu desenvolvimento emocional, ou de um fato ocorrido há muito tempo atrás, as vezes, há anos. Traumas e complexos até então não conscientes, com a soltura e integração deste corpo alcançam uma leveza maior na sua atuação frente a vida. O paciente resgata o amor pelo seu corpo, o seu amor-próprio, e a sua atitude frente a vida se modifica (ALMEIDA, 2011, p.135)

Outro importante trabalho que aborda a relação psique e corpo e que foi desenvolvido no Brasil com o enfoque analítico, é o trabalho do médico e psicoterapeuta húngaro Petor Sándor.

Sándor tem seu nome associado a Calatonia que é um trabalho corporal através de toques sutis (Sándor, 1982), esse trabalho não é apenas corporal, mas sim uma forma de intervenção psicoterápica, de modo a propiciar uma reorganização psicofísica da totalidade psíquica, integrando o trabalho corporal com a psicologia junguiana.

Sándor ao se referir a sua técnica como não apenas corporal, mas também psíquica, se refere a noção de indivíduo total, de modo que ao interferimos no corpo estamos automaticamente interferindo na psique e vice versa, a totalidade se encarrega da integração e da síntese entre opostos, promovendo uma regulação do tônus e um espontâneo ajuste do organismo, possibilitando a comunicação com conteúdos inconscientes.

Tais integrações podem ser verificadas no corpo e na psique dos pacientes, ao relatar suas observações clínicas Almeida ressalta que:

Observo diariamente esta ligação entre o somato e o psíquico no contato com meus pacientes. Pessoas que sofrem com sintomas corporais, quando estes são expressões de uma personalidade não integrada, a medida que tornam o seu desenvolvimento mais pleno e adequado para si, tais sintomas desaparecem. Eu também observo que pessoas que se anulam, que quase vegetam, que quase nada expressam, passam a sofrer de somatizações, que nada mais são do que a expressão de sua inadequação; e novamente, a medida que modificam essa questão, que se integram, que percebem, que percebem seus limites, que vivenciam novamente suas vibrações, pulsações e fluxos, as somatizações desaparecem. Há um elo de ligação entre observar-se, crescer, entregar-se e integrar-se. (ALMEIDA, 2011, p.137)

Denise Ramos (2011) também citada durante esse trabalho tem uma grande importância em representar o corpo na teoria junguiana na área de psicossomática. Com base em sua vivência clínica, Ramos desenvolve uma reflexão das doenças como expressões e através do modelo analítico faz uma importante compreensão das mesmas.

Rosa Maria Farah, (1995), (2008) que também pesquisou muito sobre as elucidações de Jung sobre a dimensão corporal na teoria analítica, faz uma grande contribuição ao trabalhar com diversas teorias e práticas expressivas associando-as sempre a teoria analítica de integração psicofísica, além de pensar na era tecnológica e

nas implicações coletivas e pessoais da imagem corporal na atualidade e nas diversas possibilidades de trabalhá-las na clínica.

A amplitude dos trabalhos que discutem nas últimas décadas a questão do corpo na atualidade e as implicações sociais, psicológicas e emergentes, o que de certa forma nos mostra um movimento e um sintoma psíquico contemporâneo de autorregulação coletiva.

CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO

A partir dos capítulos desenvolvidos neste trabalho podemos observar a importância de trabalhar os aspectos psíquicos e corporais em sua totalidade, de modo que ao entendermos psique e corpo como indissociáveis e ao trabalharmos com a psique na clínica, automaticamente estamos trabalhando com o corpo e vice versa.

Através dessa perspectiva é que podemos pensar na importância de um trabalho clínico que aborde de forma holística o ser humano, que não é apenas atual, mas sim histórico e coletivo. Podemos observar através do contexto histórico e dicotômico ocidental e através do movimento cultural que vivemos atualmente, a emergência de uma modificação que caminhe para o desenvolvimento do ser.

No decorrer dos capítulos podemos perceber o quanto a cultura contemporânea nos convida a refletir sobre a dicotomia, e na necessidade de um trabalho que leve em consideração os aspectos psicológicos e corporais, de modo a promover uma maior integração de conteúdos e ampliação da consciência.

Através do desenvolvimento científico podemos ver o grande papel da psicologia como ciência, e a grande contribuição que Carl Gustav Jung e seus contemporâneos nos oferecem para entendermos corpo e psique como totalidade indissolúvel e trabalhar as questões atuais relacionadas ao tema.

Com base na teoria analítica e na compreensão da formação do sistema psíquico que começa no inconsciente corporal e a partir dele dá origem a consciência e ao ego, é que podemos pensar no corpo como dimensão estruturante e simbólica do ser.

Dessa maneira ao pensarmos nos corpos desabitados da nossa época e no fenômeno contrário ao vivido anteriormente, onde investíamos no intelecto e no racional esquecendo-nos de nossos corpos, atualmente podemos observar que esse fenômeno caminha em outra direção, porém não em uma direção de integração e sim em uma direção onde o investimento na persona, no corpo como instrumento e como identidade se configura em uma nova dicotomização e em uma não habitação dos corpos.

Segundo Bosco:

Numa perspectiva simbólica podemos acrescentar as forças de afirmação do sujeito e as forças sociais, as forças arquetípicas que

regem o organismo-sistema e seu relacionamento com o eu e com o mundo. Um corpo desabilitado estaria identificado ao corpo dos saberes disciplinares e ao projeto moderno de ciência que alija a mente e a psique da carne que a produz, e aliena a carne de qualquer possibilidade de simbolização, enquanto que o corpo em habitação pode ser definido como o processo contínuo de maturação orgânica em direção a individuação, necessariamente performed pelo sujeito ativamente em sua constante produção e reorganização de tecido e símbolos (BOSCO 2011, p.55)

Assim, o processo de habitarmos nossos corpos-psiques em uma direção na qual poderemos compreender a complexidade desse organismo subjetivo e subjetivante, nos faz refletir sobre a importância da escuta de nossos corpos, a escuta para as nossas sensações, que são estruturantes na nossa relação com a totalidade, de modo que isso deve ser aprendido e exercitado continuamente.

Ao pensarmos nas técnicas corporais e no corpo como símbolo a ser trabalhado no atendimento clínico, é que podemos pensar na importância de técnicas que através da senso-percepção possibilitem que o indivíduo se perceba também como corpo.

O sujeito ao agir como sujeito consciente de seu corpo pode integrar conteúdos sombrios, além de transformar seu mundo em um lugar de vida onde corpo e natureza não são mais objetos de dominação, mas sim sistema relacional e sensação.

As experiências corporais correspondem aos sentimentos, sensações e emoções que formam a identidade do ser humano e dizem muito de suas ações ou inações no mundo.

Segundo Wurzba:

[...] o corpo é a dimensão simbólica e estruturante da consciência e do ego, imprimindo-lhe características espaciais, temporais e de causalidade. Em cima e embaixo, superior e inferior, interno e externo, superficial e profundo, direita e esquerda (um lado e outro), antes e depois, frente e trás, limitado e ilimitado, finito e infinito, união e separação, dor e prazer, satisfação e frustração, são características experimentadas, primeiramente, no próprio corpo. A primeira autoimagem é a imagem corporal. (WURZBA,2011,p.75)

Keleman & Campbel fazem uma reflexão interessante sobre a desabilitação dos corpos quando dizem:

O nosso corpo faz uma imagem de si mesmo no seu cérebro. Isso é chamado de imagem corporal ou imagem somática. A maneira como

a expressão emocional do nosso corpo aparece para os outros também é uma imagem somática. A mitologia apresenta imagens, como as do acadêmico, do padre, do criado. Quando vivemos mediante essas imagens descorporificadas ou posturas somáticas vazias- papéis que não são enraizados nas emoções do nosso corpo- falta a elas a força emocional para nos dar sustentação. Essas imagens são inautênticas por que mal corporificadas (KELEMAN & CAMPBELL, 2001, p.60)

Podemos refletir na contemporaneidade e no desenvolvimento cultural e social ao pensarmos na importância de uma maior consciência corporal e um “habitar” o próprio corpo, para que possamos através do processamento de sensações e trabalhos corporais, integrar símbolos e ampliar a consciência no processo de individuação.

Para isso é muito importante que o psicoterapeuta tenha uma visão teórica que abarque aspectos do corpo contemporâneo e do desenvolvimento da consciência-corpo na cultura emergente.

Como discutido no capítulo self corpóreo e formação do ego e da consciência, podemos pensar na importância da compreensão dessa dinâmica atual, pois ao pensarmos que inicialmente somos self corporal e self materno, se esta matriz mãe estiver também desconectada e desabitada de seu corpo, pode se tornar muito difícil da consciência se desenvolver e abarcar as sensações como identidade e imagem corporal.

Ao refletir sobre esse aspecto da dimensão corporal a analista junguiana Marion Woodman (2002) propõe uma interessante reflexão acerca do trabalho com os corpos desencarnados, de modo que sua obra propõe que o corpo é uma espécie de inconsciente cultural, de modo que ao pensarmos na cultura patriarcal em que o corpo deve ser controlado e disciplinado, alguns distúrbios apareceriam como exigências sombrias de integração, sombra esta, que diz respeito ao feminino inconsciente e não valorizado.

A autora fala sobre o corpo que deve ser trabalhado no âmbito terapêutico, ela fala do corpo das sensações, como o feminino desintegrado no patriarcado, de modo que não deve ser trazido na terapia de forma racional e pensante, mas sim sentindo e resgatando as sensações iniciais perdidas, através dos símbolos é que esse corpo poderia ser reencarnado. A autora trabalha o corpo simbólico através de técnicas de movimento livre e dança.

Bosco também faz uma importante reflexão acerca do tema:

Por os símbolos em movimentos é uma maneira de integrá-los na carne, nos cabe, no saber fazer não abstrato do corpo criando novas

cadeias de significados que permitem o reconhecimento de uma narrativa sobre o vaso sagrado que poderá receber então seu conteúdo. Este casamento, um casamento que repara o divórcio ocidental entre corpo e racionalidade, pode proporcionar ao indivíduo uma orientação centrada no eixo ego self, que busque não mais proceder através do poder, mas sim através da integração consigo e com o coletivo” (BOSCO, 2011, p 59)

Assim podemos refletir acerca do que Woodman aponta como corpo identificado com a sombra, muitas vezes em decorrência de uma experimentação negativa do feminino no início da vida, de modo que podemos pensar novamente na cultura desintegrada, a cultura que vive um feminino sombrio e que assim pode muitas vezes exercer a função materna por mulheres que também estão distantes de seus corpos.

Segundo Woodmann:

Quando a matriz maternal esta comprometida, a criança não consegue se enraizar em seu próprio corpo, e por mais que se esforce tentando encontrar segurança na mente, sempre será, em algum nível, dependente dos outros e, portanto, sentindo o medo de ser abandonada. A psique fará tudo o que estiver ao seu alcance para oferecer bases seguras para a cura se dar, mas se as mensagens provenientes do corpo forem experimentadas como contraditórias em relação as que os sonhos enviam então o processo de retificação não poderá ocorrer. A sombra está no corpo, longe demais da consciência para aparecer nos sonhos, e que não há Sofia consciente o bastante para fazer a ligação entre corpo e psique. [...] A sessão de análise ou o trabalho prático com o corpo podem servir de espaço para que o amor comece a se incorporar e inverta o processo, da matéria em Mater. (WOODMAN, 2002, p.120)

Podemos perceber a importância de citar essa autora e as suas contribuições acerca das questões corporais na discussão, pois por mais que tenhamos uma teoria e instrumentos para trabalhar os conteúdos visando integração e ampliação da consciência através dos símbolos que surgem no setting terapêutico, muitas vezes poderemos estar trabalhando com conteúdos que não podem ser de fatos incorporados se o corpo não for sentido e vivenciado como dimensão simbólica.

Woodmann discursa sobre a sua prática clínica ao dizer que:

A consciência somática tornou-se um importante foco em minha prática analítica em virtude de minha experiência tanto com homens como com mulheres que, apesar de sério compromisso com seus sonhos e seu crescimento pessoal, ainda não conseguem confiar no

processo. Suas almas encontram-se deslocadas em corpos tão feridos que a boa vontade do ego em si não é simplesmente o bastante. O fracasso diante das árduas encruzilhadas da vida não é necessariamente o fracasso do ego em adotar uma nova atitude perante o si-mesmo, sacrificando o que é antigo. Muitos dos meus analisandos têm o que eu acredito que sejam atitudes de ego apropriadas; seus corpos, contudo, foram em algum ponto traumatizados. Embora seus egos possam ser abordados mediante confrontos, desafios ou humor, seus corpos não conseguem reagir. Quanto mais rapidamente o ego se move para frente, mais aterrorizado se torna seu corpo. A tarefa então consiste em encontrar meios de voltar ao ponto do ferimento, para ser refeita a conexão com a criança abandonada. Como a criança, o corpo conta a verdade, e o faz através de movimentos e da falta de movimentos. O observador treinado pode discernir se a alma fixou residência no corpo, ou se a imagem corporal é tão intolerável que a carne praticamente não é habitada. (WOODMAN, 2002, p.85)

Apesar da longa referência, podemos refletir sobre a relevância deste relato para que possamos pensar na importância dos recursos e das técnicas corporais e expressivas em qualquer prática psicoterápica, levando em conta as vivências corporais atuais da nossa cultura somática.

Em muitos momentos poderemos nos deparar com pessoas que sofrem de doenças e que tem sintomas físicos, o papel do psicoterapeuta naturalmente não é o da cura, o de acabar com o sintoma e com a dor, mas sim o de identificá-la como símbolo e trabalhar com a integração de um conteúdo que é próprio do paciente e que através de seu corpo busca a expressão.

Segundo o médico e escritor George Groddeck:

Quem quer que, como eu, veja nas doenças uma expressão vital do organismo, deixará de encará-la como inimiga. Não mais terá o propósito de combatê-la, nem de procurar curá-la ou sequer tratá-la [...] No instante em que percebo que a doença é uma criação do paciente, ela se torna para mim o mesmo que sua maneira de andar, seu modo de falar, sua expressão facial, o movimento de suas mãos, o desenho que ele faz a casa que ele construiu, o negócio que ele abriu, ou a forma como ocorrem seus pensamentos: um símbolo significativo. (GRODDECK, 1961, p.227 apud MCNELLY, 1987, p.31)

Assim podemos refletir o quanto cada manifestação corporal é símbolo e esta imersa no ser como totalidade.

Outro autor que nos mostra através de seus escritos o quanto o método interpretativo por si só não é suficiente nos dias de hoje é Whitmont (1982), que ao refletir sobre a cultura atual e a importância da dimensão corpo para que haja transformação do ser, ressalta:

Seja isto porque uma reavaliação dos costumes sexuais e uma nova relação com o sentido espiritual devam ser antes levadas em conta, seja porque a qualidade de nossa conscientização psíquica tenha, desde então, sofrido mudanças, seja como acredito que em razão de ambos esses desenvolvimentos, nosso estado psicológico atual reclama cada vez mais conscientização física e sentimental, além de compreensão [...] A atitude predominante desta fase cultural passada tem sido patriarcal e apolínea, tem sido uma cultura de abstrações, reflexão e distanciamento. Tem sido propensa a separar os indivíduos de suas matrizes, dos instintos e afetos, da natureza, da terra, do corpo e da comunidade engajadora. (WHITMONT, 1982, p.336)

Através dessas reflexões podemos refletir na importância do profissional que trabalha como psicoterapeuta junguiano, estar consciente de que faz parte desse coletivo e desse movimento que produz muitos corpos desabilitados e que é muito importante ter também meios de trabalhar o corpo simbólico dentro da clínica.

Ao pensarmos em uma abordagem analítica, que leva em conta o corpo do indivíduo que pensa e sente, mas que nem sempre se expressa por meio de palavras, parece-nos essencial que os psicoterapeutas desenvolvam recursos de intervenção que abarquem no âmbito do atendimento psicológico a dimensão corpo do paciente, sem que se perca de vista a especificidade da psicoterapia.

Isso se torna cada vez mais emergencial e podemos perceber essa relevância só através de um olhar coletivo, mas também nas pessoas que buscam a psicoterapia e em suas queixas, segundo Farah:

Embora existam razões históricas e metodológicas complexas para que os processos corporais permaneçam a parte das considerações da maioria dos enfoques psicoterápicos [...] optando por um olhar prospectivo, pode ser mais proveitoso para a nossa prática, destacarmos a atualidade dessa integração, uma vez que no momento presente parece existir uma maior prontidão para essa inclusão [...] Essa prontidão é expressa, por exemplo, pelas próprias pessoas que procuram, ao relatar queixas para as quais não teremos respostas adequadas, se não olharmos nosso cliente como um ser que é uno em sua constituição psicofísica. O sofrimento humano, mais do que nunca, começa a ser expresso e reconhecido em suas múltiplas e simultâneas expressões (psicofísicas) pelas próprias pessoas que buscam atendimento psicológico. Por outro lado, a medicina do

“corpo” também começou a se dar conta dos seus limites frente á tarefa de acolher e cuidar do sofrimento humano em suas múltiplas expressões anímicas. (FARAH,2008, p.23)

Ao pensarmos dessa forma e ao levarmos em conta o encontro analítico, no qual um dos objetivos do psicoterapeuta é possibilitar que o sujeito possa lidar com seus complexos e desenvolver recursos para a individuação, de modo que este possa ser o que realmente é sem esquecer que esse processo não é linear e sim caminha em constante movimento, é que podemos refletir sobre a dimensão corporal presente na clínica, naturalmente respeitando a fase do trabalho e olhando para a natureza da transferência e para as possibilidades de trabalho com cada paciente.

Dessa forma ao olharmos o complexo expresso no corpo, no trabalho clínico, o psicoterapeuta está constantemente trabalhando os conteúdos psíquicos e o corpo, pois ambos são simultâneos e inseparáveis, a grande questão é compreender dentro dessa teoria em que a dimensão corporal não pode ser dissociada no encontro, ao pensarmos nas demandas atuais, a busca de técnicas que nos permitam trabalhar de forma mais ampla e integrada mantendo a especificidade do trabalho analítico.

Whitmont e Kaufman contribuem muito ao refletirem a respeito da dimensão verbal presente na clínica junguiana:

A dimensão verbal em si decididamente não basta. Os primitivos tiveram intuição disto e instituíram rituais para acentuar os fenômenos psíquicos. A psicoterapia analítica é também uma tentativa de lidar com este problema. Nesse sentido, têm-se incorporado várias técnicas não verbais ás práticas tradicionais; grupos e movimento, treinamento de sensibilidade e rituais têm sido utilizados, de tal sorte que os fatos psíquicos possam ser experimentados mais profundamente e portas até então fechadas sejam forçadas a abrir (WHITHMONT E KAUFMAN, 1973, p.117)

Dessa forma podemos entender que na contemporaneidade a integração da dimensão material e da espiritual se mostra com urgência, tanto no coletivo como no individuo pessoal. Dentro do atendimento psicoterápico uma das formas de trabalhar essa conscientização pode ser através das técnicas expressivas, entendendo-as como parte do trabalho junguiano e como uma linguagem mais familiar ao corpo, de modo que o acesso através da imaginação criativa está mais próximo da linguagem corporal, assim através do desenvolvimento de sensações e da linguagem simbólica pode-se trabalhar com a integração emergente.

Assim o trabalho de consciência corporal como parte do *setting* terapêutico pode propiciar uma oportunidade de reintegração e de maior conexão com o self corporal, pelo qual esta linguagem primária pode estar simbolicamente demonstrada, de modo que através do contato com o corpo por meio de diversas técnicas que não necessariamente trabalhem o toque e o contato corporal, o paciente possa resgatar através de imagens e ligações afetivas referentes a este estágio tão corporal do desenvolvimento do eu, aspectos perdidos durante o processo.

Assim, podemos refletir sobre a importância do acolhimento no encontro analítico, de modo a possibilitar e oferecer condições que facilitem a comunicação com a linguagem corporal. Na medida em que recuperamos a capacidade de sentir nosso próprio corpo, estamos criando uma ponte de contato entre ambas as instâncias – consciente / inconsciente - integrando mais conteúdos, ampliando nossa experiência e a consciência de quem somos.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que o nosso corpo expressa, por meio de sua materialização, conteúdos e imagens que se comunicam com aspectos conscientes e inconscientes, de modo que podemos entender o corpo como símbolo. É por meio dos símbolos que os arquétipos estruturam nosso ego e consciência ao longo da vida.

O corpo como símbolo e expressão de arquétipos é tão importante como os sonhos, pois denuncia e omite conteúdos pessoais e coletivos, sendo uma via simbólica para a ampliação.

O corpo se revela como símbolo, dimensão estruturante e arquetípica, de modo que o corpo como matéria é apenas uma variável a ser compreendida. A escuta do corpo que fala, que sente e que anuncia o universo consciente e inconsciente deve acontecer no encontro clínico.

Assim, o corpo entendido como símbolo, atua na direção da oferta de um sentido. Sentido que se desvela através das diversas formas de ser e sentir dos seres humanos.

Ao pensarmos na reintegração do corpo como parte do processo de individuação, possibilitando uma vivência mais plena do ser como totalidade, ao pensarmos no corpo como símbolo e como indissociável da psique, é essencial que exista uma inclusão dessa visão no âmbito terapêutico, como parte do ser holístico e como presença inquestionável no encontro analítico.

Em um trabalho muito interessante sobre corpo-imagem em interação e reflexões sobre a presença do corpo na clínica junguiana, Humbertho Oliveira (2012) reflete sobre essa questão e sobre a necessidade de uma abertura para o novo, não apenas por parte do paciente, mas também do psicoterapeuta:

Segundo Oliveira:

Os estudos da clínica da integração corpo/psique referem-se mais propriamente à prática de uma abertura para a ação, uma dinâmica dos processos de criação. Nessa visão, o processo psicoterápico se daria mediante um jogo de constante corporificação intersubjetiva, criando a oportunidade de contemplar a complexidade do corpo em sua constituição e manifestação e de traçar uma relação entre processo simbólico e o energético, entre a psique, por meio das imagens que dela emanam, e o corpo, pelo fluxo e pela interrupção da energia (OLIVEIRA, 2012, p.34)

Através desse trabalho, podemos concluir que os psicólogos atuais vivem um momento de grande desafio na prática clínica, no qual o psicólogo vem sendo cada vez mais solicitado a desenvolver e criar novos recursos que abarquem e integrem as demandas contemporâneas e a dimensão corporal no *setting* clínico.

Dessa forma a clínica atual deve estar aberta para integrar o corpo como símbolo, sem resistir a tais movimentos, podendo inventar e criar novas formas de ser e de trabalhar, sem permanecer alheio às urgências coletivas na qual estamos inseridos como coletivo.

Segundo Oliveira:

O corpo-imagem que pretende desvencilhar-se das imagens clichês anseia pela inclusão dos gestos de seu passado encena-se na busca de algo muito para além daquilo que se refere a um mero corpo físico. Para esse corpo, o prazer tornar-se sentimento e a potência orgástica, amor. Na processualidade de um corpo-imagem, a questão da construção de novas identidades, parece ser mais relevante que a da busca da revelação de uma identidade; aquilo que tendeu ser visto como deficiência muitas vezes poderá ser re-apresentado como singularidade; a doença pode transformar-se em caminho de cura, em uma nova forma de viver. Pode-se buscar, então, a apropriação das experiências corporais na perspectiva de uma nova espiritualidade, aquela que nos faz mudar a maneira como nos vemos, como avaliamos o mundo e como nos implicamos nele. A construção de uma cultura da autoregulação e da habilidade para a ressonância com os outros corpos traz à luz, no afã clínico, a perspectiva de uma essencial construção: o senso de empatia, a compaixão.

Dessa forma podemos pensar na grande tarefa dos psicólogos, não apenas em trabalhar com a identidade que se apresenta e suas questões, mas, além disso, resgatar a memória corporal de conteúdos que ficaram perdidos em um passado remoto, mas que, se integrados à consciência, possibilitam que sejamos quem realmente somos, seres íntegros e indivíduos não divididos.

Segundo Oliveira:

Trabalhar com o corpo-imagem-em-interação teria, enfim, o sentido de uma expressão poética, composta na ordem das metáforas, o que significa tratar o corpo dentro do contexto da imaginação, dentro daquela habilidade para transformar as imagens fornecidas pela percepção, já que sem a transformação de imagem o que há é mera repetição e não criação (OLIVEIRA, 2011, p.36)

Que possamos assim, como psicólogos trabalharmos com ampliação e possibilidades novas de ser no mundo, resgatando totalidade e não apenas repetindo padrões coletivos e pessoais engessados, que se manterão estagnados, sem que haja integração e contato com a totalidade que somos nós, humanos corpamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.H. *A psicologia junguiana e o corpo no processo de individuação*. In: ZIMMERMANN, E. B. (org.). *Corpo e individuação*. Petrópolis: Vozes, p. 101-130. 2009.

ALMEIDA, VL.P. *O movimento expressivo e a imaginação criadora*. Hermes. São Paulo, v.10, p.14-24, 2005.

ARAIZA, A&GISBERT, G (2007). “*Transformaciones del Cuerpo em Psicología Social*” in *psicologia: Teoria e pesquisa*, Jan-Mar 2007, v.23,n.1, p.111-118.

BAUMAN, Zygmunt, *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BLANCHARD, A.R. *A consciência e sua base no corpo*. In: SPACCAQUERCHE, M. E. (org.). *Corpo em Jung: estudos em calatonia e pratica integrativa*. São Paulo: Vetor, 2012.

BOECHAT, W. *O corpo psicóide: a crise de paradigma e a relação corpo-mente*. p.146 Tese de doutorado em Saúde Coletiva - Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. BRANDÃO, J.S. *Mitologia grega*, v.II. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOSCO, A. *Corpo em Habitação e trabalho terapêutico: Notas para a afirmação de um organismo sistêmico simbólico*. Jung e Corpo. São Paulo, v.10 p 49- 62, 2011.

BRIGANTI,C.R. *Corpo virtual: Reflexões sobre a clínica psicoterápica*. São Paulo: Summus, 1987.

BENVIDES. M, S. *Calatonia: Um método de psicoterapia profunda em psicossomática*. Hermes. São Paulo, v.11, p 7-19, 2006.

BARBOSA, V.M.N. *Ser-Corpo e Mente*. Hermes. São Paulo, v.2, p.71-80, 1997.

BLAKE, W. *Matrimonio do céu e do inferno e o livro de Thel*. São Paulo, Iluminuras.2007.

CAPRA, F. *O Tao da física*. São Paulo: Cultrix,1993

COUTO, E.S. *O homem satélite- estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*. Tese de doutorado apresentada pela universidade Estadual de campinas, UNICAMPI, Faculdade de Educação. Campinas: 1998.

COSTA, J.F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FARAH, R.M; *Integração psicofísica: o trabalho corporal e a psicologia de C.G.Jung*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008.

_____; *The Body in the Post-Modern World – A Jungian Approach in Body, Mind and Healing after Jung / – O livro foi organizado por Raya A. Jones / Ed. Routledge - Taylor & Francis Group, 2011. P. 211 / 227*

_____; *O Corpo em Jung*. Hermes. São Paulo, v.1, 1995.

FELDENKRAIS, M . *O poder da autotransformação*. São Paulo: Summus, 1985.

FREITAS, M.G. *Taipas e Toupeiras*. Porto Alegre: Fonte Phi, 1991.

GIMENES.S.A. *Contribuição do enfoque Analítico e do trabalho corporal no tratamento de pacientes com queixas psicossomáticas*. Hermes. São Paulo, v.7 p.78-83, 2002.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Petrópolis RJ: Vozes, 1984.

_____; *A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes 2004.

_____; *O eu e o inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes 2003.

_____; *Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes 2013

_____; *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis RJ: Vozes 2013.

_____; *Fundamento de psicologia analítica*. Petrópolis RJ: Vozes 2004.

KELEMAN, S. *O corpo dia sua mente*. São Paulo: Summus, 1996.

LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

LELOUP, J. Y. *Cuidar do Ser - Filon e os Terapeutas de Alexandria*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1996.

LOWEN, A. *O corpo Traído*. São Paulo: Summus, 1979.

MAUTNER, A.V. *Como ser terapeuta corporal?* Minhas duvidas. In : NETO, A.N. et al.(org.). *As psicoterapias hoje*. São Paulo: Summus, 1982.

MCGUIRE, W., HULL, R.F.C. *Carl Gustav Jung: Entrevistas e encontros*. São Paulo, Cultrix, 1982

MCNEELY, D.A. *Tocar - Terapia do corpo e psicologia profunda*. São Paulo: Cultix, 1987.

MINDELL, A. *O corpo onírico- O papel do corpo no revelar do si-mesmo*. São Paulo: Summus, 1989.

MONTAGU, A. *Tocar- O significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.

NEUMANN, E., *A Criança- Estrutura e Dinâmica da Personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação*. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____; *História da Origem da Consciência*. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ORTEGA, F. *O corpo incerto*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.

OLIVEIRA, H. *Corpor- Imagem e individuação. Reflexões sobre a presença do corpo na Clínica Junguiana, Cadernos Junguianos, n.8, p 16-38, 2012.*

PENNA, E.M. D, *A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico*. In: WERRES, J. (org.). *Ensaio sobre a clínica junguiana*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005.

RAUTER, R.V. *A relação do sujeito contemporâneo com o corpo: Uma reflexão a luz da psicologia analítica*. Disponível em <<http://www.jung-rj.com.br/artigos/ArtigoRaissaVolkerIJRJ.pdf>>.

RAMOS. D.G. *A psique do corpo - uma compreensão simbólica da doença..* São Paulo: Summus, 1994.

SCHILDER,P.: *A imagem do corpo- As energias Construtivas da Psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

SIBILIA, P. *O Show do eu: a intimidade como espetáculo* Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008.

SILVEIRA, N.da. *Jung, Vida e obra*. Rios de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

WHITMONT, Edward.C. *Retorno da deusa*. São Paulo, Summus, 1991.

WHITMONT, Edward C. e Kaufman Yoram. *Analytical Psychology*. in Current Psychotherapies. Org. Raymond Corsini. Itasca, Illinois:F.E. Peacock Publishing Co., 1973.

WHITMONT, E.C. *A busca do Símbolo*. São Paulo: Cultix, 1990.

WOODMAN, M.. *O vício da perfeição*. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

_____; *A virgem grávida: um processo de transformação psicológica*, São Paulo: Paulus, 1999.

WURZBA, L. *A dança da alma- A dança e o sagrado: um gesto no caminho da individuação*. In: Zimmermann, E (Org). *Corpo e individuação*. Petropolis: Vozes, 2009, p 39-100.

ZIMMERMANN, E.B. *Individuação em contato com o corpo simbólico*. In: ZIMMERMANN, E. B. (org.). *Corpo e individuação*. Petrópolis: Vozes. p.157-203. 2009.